

O Paráclito em João 14, 1-26

The Paraclete in John 14, 1-26

LUIZ EDUARDO COUTINHO CARDOSO JUNIOR, OCD*

Resumo: O Evangelho de João desperta e aquece os corações que desejam alçar voos altos. Seguindo a lógica joanina, Jesus também é um Paráclito (1Jo 2,1), ao mesmo tempo, Ele diz rogar ao Pai para que deixe aos seus discípulos um “outro Paráclito” (Jo 14, 16). Este Paráclito tem como função dar testemunho da verdade, permanecer, ensinar, recordar, enfim, uma série de elementos característicos da atividade do Espírito. Surge-nos uma espécie de indagação, onde procuramos investigar quem é este Paráclito de que nenhum outro evangelista falou, de modo que seja possível ao menos aproximarmo-nos ainda mais da terceira Pessoa da Trindade.

Palavras-chave: Paráclito. Evangelho de João. Defensor. Advogado. Memória.

Abstract: The Gospel of John awakens and warms hearts that desire to soar. Following Johannine logic, Jesus is also a Paraclete (1 John 2:1), at the same time, He says he begs the Father to leave his disciples “another Paraclete” (John 14: 16). This Paraclete’s function is to bear witness to the truth, remain, teach, remember, in short, a series of characteristic elements of the Spirit’s activity. A kind of question arises in which we seek to investigate who this Paraclete is that no other evangelist spoke of, so that it is possible to at least get even closer to the third Person of the Trinity.

Keywords: Paraclete. Gospel of John. Defender. Attorney. Memory.

* Luiz Eduardo Coutinho Cardoso Junior, OCD é formado em Filosofia (PUC-Minas). cursando bacharelado em Teologia pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro. A pesquisa foi desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, recebendo fomento da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI-RJ). Contato: luizeduardojunior21@gmail.com

Introdução

O presente artigo apresenta o resultado de uma pesquisa a respeito do Paráclito (Espírito Santo) como presença viva, dinamizadora, diante dos infortúnios do caminho, sobretudo frente aos acessos de injustiça, perda de identidade e missão. A reflexão exegético-pneumatológica não deixa de ser um desafio atual, instigante e lento, visto que o próprio tema a respeito do Paráclito seguiu por várias direções ao longo da história. Nesse sentido, este artigo busca ser um incentivo em trazer à pauta a presença do Espírito Santo nos meios acadêmicos, visto que Ele é o “Senhor que dá a vida”, é o oxigênio que refresca o saber teológico.

Esta temática se acentua sobretudo em João 14, 1-26, onde nos situa num clima repleto de sentimentos, de atitudes, de promessas, ou seja, diante da despedida de Jesus Ele confia aos seus discípulos “um outro Paráclito”, um “Outro” que lhes ensinaria e confortaria no caminho, uma espécie de advogado, em outras palavras, Jesus deixa-lhes o Espírito Santo. Trata-se de uma presença agora não mais física como a do Verbo Encarnado, mas uma presença silenciosa e atuante, um Alguém que está ao lado e lhes defende. Ao mesmo tempo o evangelista João faz-nos pensar a respeito do próprio termo utilizado, Paráclito (παράκλητος), já que nenhum dos demais evangelistas sinóticos fizeram uso dessa nomenclatura.

1 O Espírito Santo no Evangelho de São João

Na vida todos necessitamos de um auxílio. Sem o amparo do alto nos perderíamos em caminhos estranhos, sem a memória esqueceríamos de quem somos. O Espírito Santo, o Paráclito, é este auxílio necessário que vem em socorro de nossa fraqueza.

Todos os Evangelhos nos apresentam a figura do Espírito Santo (Mt 1, 18-20; Mt 3, 11; Mt 12, 31; Mc 1, 8; Mc 1, 12; Mc 13, 11; Lc 1, 15; Lc 1, 35; Lc 3, 16; Lc 11, 13; Jo 3, 5; Jo 3, 34; Jo 20, 22) e suas manifestações ao longo da vida de Jesus, na obra que realiza em Maria (Lc 1, 26-38) e na transformação que realiza nos discípulos (At 2, 4; At 2, 14s; At 4, 8; At 4, 31; At 8, 14-17; At 11, 15-17; At 13, 52). Será certamente no Evangelho de São João que o Espírito Santo ganhará como que uma espécie de denominação nova, ou seja, o evangelista chama-o de Paráclito (*parákletos*). Uma nomenclatura que nenhum dos evangelhos sinóticos utilizaram e que evidência, para a comunidade joanina, um aspecto novo, ou seja, mais do que um simples nome novo, evidencia uma missão, uma relação e uma nova compreensão a respeito do Espírito Santo.

Esta novidade é apresentada por João para sua comunidade. Nesse sentido, precisamos saber quem é João e que comunidade é esta para o qual escreve, e de que modo escreve?

1.1 João, o discípulo que Jesus amava

Elencamos precisamente os elementos essenciais de sua fisionomia¹. João, filho de Zebedeu, irmão de Tiago, um pescador que segundo Mateus (Mt 4,21) estava a ajudar a consertar as redes com o pai e o irmão. É ao mesmo tempo conhecido pela tradição como o “discípulo que Jesus amava”, o discípulo que apoia sua cabeça no peito do mestre na última Ceia (Jo 13, 21), também chamado pela Igreja Oriental de “o Teólogo”, ou seja, “aquele que é capaz de falar das coisas divinas em termos acessíveis, revelando um arcano acesso a Deus mediante a adesão a Jesus” (Bento XVI, 2006). Em duas catequeses em que o Santo Padre Bento XVI realizou, ele fala sobre a figura de João, e na primeira delas traçou o seu perfil:

O seu nome, tipicamente judaico, significa “o Senhor fez a graça”. Estava a consertar as redes na margem do lago de Tiberíades, quando Jesus o chamou juntamente com o irmão (Mt 4, 21; Mc 1, 19). João pertence também ao grupo restrito, que Jesus chama em determinadas ocasiões (Bento XVI, 2006).

Dos títulos que o evangelista João seja chamado, o apóstolo do Amor, certamente se encaixa bem, uma vez que é o que faz uma afirmação a respeito de Deus – “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). Está no espírito teológico de João trazer definições a respeito de Deus: “Deus é Espírito” (Jo 4, 24) ou que “Deus é luz” (1Jo 1, 5). Ao que parece é de sua natureza a definição, o trazer elementos novos a respeito da revelação, uma ousadia vinda do próprio Espírito que “revela novas coisas” do tesouro escondido da Palavra de Deus. Não é à toa que o evangelista é retratado com a figura da águia, cujo olhar penetra as profundezas dos mistérios e cujas asas sustentam voos ousados. Segundo Alberto Casalegno (2009, p. 102), seria certamente pretensão ou mesmo soberba, João ter se arrogado quaisquer títulos, ao mesmo tempo não deixa de afirmar quanto a ele:

Duas funções caracterizam o discípulo amado em 21, 24: ser a testemunha dos eventos da vida de Jesus (ὁ μαρτυρῶν) e o escritor do Evangelho (ὁ γράψας). No texto 19, 35 ele também recebe o apelativo de “aquele que viu” (ὁ ἑώρακώς), uma frase na qual o pretérito perfeito do verbo sublinha que as coisas das quais foi espectador foram por ele compreendidas, permanecendo em seu coração, fixadas em uma lembrança indelével (Casalegno, 2009, p. 102).

A sensibilidade de João era aquela vinda do Espírito que age no interior dos corações, sua perspicácia foi capaz de adentrar no mistério do Logos e conceder à posteridade uma riqueza teológica sem igual.

1.2 A comunidade joanina

Ao mesmo tempo, precisamos entender as características da comunidade joanina, uma vez que o Paráclito prometido não diz respeito somente aos discípulos, mas para toda a comunidade dos fiéis unidos numa mesma fé. Nem sempre é tarefa fácil descrever uma comunidade, tendo em vista seus vários aspectos, contudo, elencamos alguns pontos essenciais da comunidade joanina que possam auxiliar nosso entendimento quanto a aplicação também do termo Paráclito.

Astensões internas ajudaram a delinear o rosto geográfico da comunidade joanina. Diante das variadas opiniões de localização, consideramos como ponto plausível a região de Éfeso, sob uma luz helenística, enquanto outros optam pela Palestina, Síria. Sabe-se que diante das perseguições, das expulsões das sinagogas, os cristãos joaninos espalharam-se, posteriormente por toda a Ásia Menor. Este avanço para outras regiões fez com que a comunidade joanina tivesse uma abertura mais universalista.

Segundo Brown (1999, p. 11), João não traz a palavra “igreja” (*ekklesia*) ao mesmo tempo que o conceito de povo de Deus se ausenta da teologia joanina. Brown questiona quanto a compreensão da comunidade joanina, se teria traços de seita, muito embora o movimento cristão primitivo tenha tido esta noção inicialmente.

De acordo com Alberto Casalegno (2009, p. 317), “a Igreja joanina é uma comunidade posta à prova, sensível aos problemas do mundo, deseja de guardar e de afirmar a própria identidade, animada pelo Espírito Santo e consciente de viver o momento culminante do longo diálogo que Deus teceu com o povo de Israel”. Mesmo animada pelo Espírito a comunidade não deixa de passar por tensões com o judaísmo que a persegue diante de questões cristológicas, uma vez que questionam a respeito da figura messiânica do Cristo, sua filiação divina. Não à toa que no Prólogo o evangelista afirma: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1, 1); também quanto ao testemunho de João Batista:

E João deu testemunho, dizendo: “Vi o Espírito descer, como uma pomba vinda do céu, e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água, disse-me: ‘Aquele sobre quem vires o

Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus (Jo 1, 32-34).

Ao mesmo tempo na conclusão do evangelho temos: “Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20, 31). Para João e sua comunidade não há dúvidas de que Jesus é o filho de Deus encarnado.

Mesmo com os embates, a comunidade joanina não exclui o fato da herança judaica, pois não negam o valor perene do AT, por isso também seja útil dizer: “É útil acrescentar que somente o Quarto Evangelho afirma explicitamente que “a salvação vem dos judeus” (Jo 4, 22). Ora, não rejeitam o patrimônio da fé veterotestamentária (Casalegno, 2009, p. 319). Esta é a honestidade da comunidade joanina, que não nega toda a história da Revelação.

Agora, certamente um dos pontos que vale salientar é a constante referência ao Espírito. Poderíamos dizer que se trata de uma comunidade além de intrinsecamente cristológica, também pneumatológica, conduzida pelo Espírito Santo, visto que “a comunidade sabe que ele desenvolve em seu seio a função de mestre e advogado, iluminando-a e sustentando-a em sua tarefa de dar testemunho no mundo (Jo 14, 25-26; Jo 15, 26-27; Jo 16, 7-13). Sabe que o Espírito transforma interiormente os crentes e os conduz à plenitude da verdade (16, 13)” (Casalegno, 2009, p. 319). Na primeira carta de São João confirmamos isto: “Vós, porém, tendes recebido a unção (Espírito) que vem do Santo, e todos vós possuíis a ciência” (1Jo 2, 20). A presença do Espírito na comunidade ajuda-lhes a enfrentar as tensões de possíveis divisões e os fortalece a serem fiéis a Jesus. Não entramos no mérito da questão quanto a garantia da plena unidade da comunidade joanina, outros estudos certamente abordam a questão.

A comunidade joanina não é acéfala, a autoridade que a guia é muito mais espiritual do que física. Apesar do discípulo amado ser tido como fundador, ele ao contrário exerce mais uma autoridade carismática do que propriamente uma autoridade central (Casalegno, 2009, p. 330). A verdadeira autoridade na comunidade joanina é exercida pelo Espírito Santo. A respeito disso temos que:

Na Igreja joanina, a autoridade parece ser exercida pelo Espírito Santo, que conduz os discípulos à plenitude da verdade, fazendo-os compreender o sentido dos eventos e das palavras de Jesus (14, 26; 15, 26; 16, 13). A ele cabe a função de autêntico mestre, que ajuda a perseverar na tradição recebida e a atualizá-la nas diferentes circunstâncias da vida da Igreja (16,

13c). Representa a presença continuada de Jesus entre os seus, aquele sobre o qual a comunidade pode apoiar-se com segurança. Ela se reporta ao Espírito, e exclusivamente a ele, mesmo quando em seu seio se manifesta os primeiros sinais do cisma e muitos fiéis começam a deixar a sua fileira (1Jo 2,19) (Casalegno, 2009, p. 330).

Seria imprudente pensar através dessa afirmação que a comunidade joanina não tivesse uma figura humana para depositar sua confiança ou mesmo pensarmos que através da condução do Espírito Santo se negligenciasse a questão da presença hierárquica, seja na Igreja nascente ou mesmo atualmente. Muito pelo contrário, a figura de Pedro como pastor do rebanho é resgatada,

a Igreja só compreende após certo tempo que a direção do Espírito sem uma concreta mediação humana não é suficiente para lhe dar estabilidade e compactação, mas que é necessário também o exercício da autoridade de um pastor que continue o ofício de Jesus, o pastor por excelência (10, 11.14) (Casalegno, 2009, p. 331).

Ambas as dimensões, carismática e hierárquica caminham juntas, precisam caminhar em harmonia, porque um mesmo é o Espírito, um mesmo é o Corpo, cuja Cabeça é Jesus.

1.3 Sobre o estilo literário do Quarto Evangelho

Quanto a questão do estilo utilizado no evangelho de João trata-se de uma prerrogativa importante, tendo em vista a melhor compreensão do uso do termo Paráclito em seu texto.

A língua grega até os nossos tempos traz o seu encanto, o seu fascínio. Alguns se afastam dela por medo de sua gramática, outros a consideram distante de si, outros, porém, a abraçaram como possibilidade de se aprofundarem cada vez mais nos segredos que nela encerram. Parece ser de sua natureza a profundidade, o desconcerto, o encaminhar para reflexão. Não à toa que além da própria Filosofia ter nascido na Grécia e a língua materna ter embalado os filósofos, os ouvidos dos transeuntes com as canções míticas, os contos trágicos com seus desfechos surpreendentes (As epopéias *Iliada* e *Odisséia* de Homero; Os Trabalhos e os Dias de Hesíodo, retratando a luta silenciosa dos trabalhadores do campo; *Fedra e Hipólito*, a tragédia grega de Eurípidés; ou mesmo a tragédia *Prometeu Acorrentado* de Êsquilo), a riqueza da língua grega ultrapassou o mundo filosófico, alcançando o teológico. Como é próprio da Revelação não excluir o já existente, abraça-o e dá nova compreensão.

De acordo com Tuñi (2007, p. 18), o estilo utilizado por João ou os redatores, se trata de um grego simples e direto, ou seja, pertencente ao Koiné, “linguagem única e comum, que na época do Novo Testamento era a herdeira da grande diversidade dos dialetos gregos anteriores”. Koiné (κοινός, ἡ, ὅν) de fato significa “comum”, do dia a dia, aquela falada pelos mercadores, camponeses, trabalhadores do dia a dia, etc. Interessante destacar que o Novo Testamento fora escrito com o grego koiné e não com o grego clássico, mais reservado aos acadêmicos, os instruídos; o koiné não tinha a sofisticação das elites, mas o alcance dos corações.

O fato de demonstrar características simples de seu estilo e linguagem, não desmerece o fato de encontrarmos nos escritos joaninos, sobretudo em seu evangelho, uma profundidade e beleza. Tuñi sublinha que:

Apesar destas limitações, a linguagem e o estilo do evangelho têm o encanto de uma obra madura, do objeto longamente contemplado e amado. No fundo trata-se de uma obra – falando sob o ponto de vista literário – de uma profunda intensidade: nela as frases e os movimentos se repetem naquilo que se chamou de “uma monotonia grandiosa”, que vai aos poucos se aproximando do centro – Jesus – com fé e reverência (Tuñi, 2007, p. 18).

Esta aproximação com a pessoa de Jesus Cristo leva-nos para um cenário que além de percebermos uma efusão de sentimentos, presenciamos o aspecto a que este artigo tem como objetivo destacar: A presença do Paráclito na seguinte períclope joanina em 1Jo 2, 1, o escritor leva em consideração que o primeiro Paráclito é o próprio Jesus. Ele é o Paráclito do Pai, o enviado pelo Pai, o primeiro dom, o dom sublime.

2 Sobre o Paráclito

Ao analisarmos os discursos de despedida de Jesus, temos ampla apresentação a respeito do Espírito Santo. A respeito dos vários nomes que possam dar ao Espírito, temos presente a imagem de um caleidoscópio, cuja multiplicidade de formas confere combinações agradáveis e belas.

No contexto da períclope de João 14, 1-26, presenciamos um cenário de despedida, repleto de sentimentos, surpresas, espanto e consolação. Ora, Jesus prepara seus discípulos para o que virá, sua paixão, morte e ressurreição, ao mesmo tempo que os prepara para a missão que irão assumir. Jesus promete um outro Paráclito “para que convosco permaneça para sempre” (Jo 14,16), uma presença atuante e vivificadora. É de se notar que o termo “*parákletos* só

aparece nos discursos joaninos de despedida, em que se refere ao Espírito, e uma vez em 1Jo 2, 1, em que qualifica Jesus como intercessor celeste” (Dufour, 1996, p. 86). Ora, Jesus é o primeiro Paráclito, por isso disse que rogaria ao Pai que enviasse “um outro Paráclito” (Jo 14, 16). Ao mesmo tempo que no AT, Deus, conduzia seu povo eleito para a terra prometida, imagem da coluna de fogo (Ex 13, 21-22), agora a partir da partida de Jesus para o Pai, será o mesmo Paráclito quem conduzirá os seus discípulos para a missão.

Quanto ao termo *parákletos*, observemos sua análise. Como todo termo encontra-se uma dificuldade em chegar a um consenso objetivo a respeito, alguns tradutores optaram por traduzir como: consolador, advogado, defensor, intérprete. De acordo com o Dicionário do Grego do Novo Testamento, de Carlo Rusconi (2003, p. 353), temos: παράκλητος, substantivo deverbativo de παρακαλέω: aquele que consola e defende; advogado (defensor); consolador. Temos a junção de παρά: preposição (ao lado, perto, de lado) e κλητός (chamado, convidado): adjetivo derivado do verbo καλέω (chamo).

Temos a junção de para: prep.: adv. - ao lado, perto, de lado.

Ε κλητός, η, ον: adj. vbl.: καλέω - chamado, convidado.

Nestas duas palavras, unindo-as, podemos deduzir, já que se trata de uma forma de um particípio passivo: “chamado para junto de alguém”, ou seja, chamado para estar ao lado dos discípulos. De acordo com Dufour (1996, p. 170) “as pesquisas sobre o título “Paráclito” não chegaram a um resultado seguro”, uma vez que as significações de *parákletos* nas Despedidas joaninas são extensas. Ao mesmo tempo, vale ressaltar: “o papel do Paráclito/Espírito da verdade junto aos discípulos que permaneceram no mundo encaixa-se bem na perspectiva dominante do Quarto Evangelho: manifestar o mistério do Filho” (Dufour, 1996, p. 170).

Em latim se traduz como *Advocatus* (Advogado). Ou seja, de alguém que fala em favor de um outro perante uma corte judiciária. Em uma outra relação, no contexto do mundo hebraico, temos o termo *Goel* (G'L), que conforme Werlen Lopes da Silva (2020, p. 107), é recorrente no contexto jurídico-social, profano e religioso, e de modo geral, de acordo com Alonso Schökel (2004, p. 125) entendido como “resgatador”, “redentor”, “aquele que recobra”, “reclama”, “vinga”, “vindica”. Num estudo aprofundado a respeito do *Goel*, Silvano (2018, p. 27s) traz as seguintes relações: “resgatador”, “redentor”, “libertador”, “defensor”, “mediador”, “representante legal”, “protetor”, “parente próximo”. Interessante destacar, num estudo feito a respeito de Jó, Silva (2020) levanta a queixa de Jó. Nossa personagem confia que não foi abandonado por Deus, e por isso clama aos céus por um defensor, “em 16,18-22, auge de sua

aflição, ele respira, ele clama pelo auxílio de um defensor, de uma ‘*testemunha nos céus*’” (2020, p. 108). Em sua despedida, Jesus, de fato não se vê abandonado pelo Pai, ao mesmo tempo pede um dom do alto, e será em Pentecostes que a manifestação do Espírito será completa, operando nos discípulos a sua ação divina, sobretudo em Pedro, capacitando-o para o anúncio da Palavra. Ora, um corpo sem espírito não vive, um corpo sem alma não caminha, da mesma forma que compreendemos a comunidade dos discípulos como um corpo, Jesus pede ao Pai o *Paráclito* para que venha encher de vida e coragem os corações dos discípulos, para que estes possam testemunhar o que “viram e ouviram” perante o mundo, para que possam dar testemunho (martírio) perante o tribunal desse mundo e defendam a causa de Jesus.

Por que a comunidade joanina precisou do Paráclito?

O dom do Paráclito significa o advento de uma época nova, em que esse dom caracteriza a experiência dos fiéis em Jesus. Alguns autores antigos, a partir de Agostinho, comentaram o v. 7 dizendo que o verdadeiro conhecimento do Filho exigia a superação do conhecimento meramente humano e do apego vinculados com a sua presença terrestre; só o olhar penetrante proporcionado pelo Espírito permite essa superação (Dufour, 1996, p. 161).

Este dom, dado pelo Pai através do Filho, que mostra uma estreita relação entre o Pai e o Filho e o Espírito, irá proporcionar aos discípulos uma semelhança às funções do Cristo, uma vez que também entre o Espírito e o Filho temos uma identidade de funções. Observa-se que a pneumatologia e a cristologia se relacionam de modo a constatar ainda mais a reciprocidade entre as Pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito. Embora o conceito de Trindade ainda não estivesse claro nesse contexto, as Três Pessoas colaboram harmoniosamente.

Também agora os discípulos irão realizar os mesmos sinais que o Cristo, amparados pelo Paráclito. É o Paráclito o agente pós-pascal, é o que faz memória das palavras de Jesus, é o que permite uma compreensão da própria identidade de Jesus, é o “agente central da nova interpretação da história de Jesus, de que o IV Evangelho é a figura” (Zumstein; Dettwiler, 2004, p. 652). João vê no Paráclito um dom necessário, um “*dom dos últimos tempos*” (p. 652) que continua no tempo ensinando, recordando, lembrando, testemunhando, permanecendo. A ação desse dom será interna, ou seja, o Paráclito irá exercer uma atitude didática, uma espécie de pedagogo interno dos discípulos, não trazendo um ensinamento novo, contudo, explicitando tudo quanto Jesus anunciou durante a sua vida terrena.

Conforme Casalegno (2009), o dom do Paráclito irá exercer nas mentes e nos corações dos que caminharam com Jesus uma atividade de continuação,

conduzindo-os a uma plena maturação espiritual, como tem ao mesmo tempo uma relação próxima com a memória:

O texto especifica que o ensinamento do Espírito se realiza através da lembrança, conforme indicam os dois verbos em paralelismo e que possuem o mesmo objeto πάντα. A conjunção “e” (καί) que os une provavelmente não tem valor aditivo, mas epesegético-explicativo, indicando que ensinar nada mais é senão lembrar. O texto afirma que o Espírito, ajudando a lembrar, ensina e revela, introduzindo lentamente os discípulos no plano de Deus. A sua atividade ajuda não só a fazer uma reconstrução da vida histórica de Jesus, mas sobretudo a entendê-la interiormente, a explicitar a verdade, e conhecer o seu sentido. A lembrança da qual fala João, portanto, é uma lembrança do Espírito (Casalegno, 2009, p. 124).

Esta memória do Espírito será crucial para a comunidade joanina, uma vez que diante dos desafios de abandono da fé e divisões internas provocadas pelos separatistas, que não compreendiam a divindade e humanidade de Jesus e se diziam falar em nome do Espírito, será através da presença do Paráclito que a comunidade poderá continuar amalgamada e sendo conduzida no caminho da Verdade, confessando que Jesus é o Senhor, o Verbo que se fez carne: “Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus” (1Jo 4, 2-3). Esta é a missão do Paráclito junto aos discípulos, junto da comunidade joanina, e quem melhor do que o Paráclito para testemunhar e conduzir à plena verdade¹, conduzindo por dentro os crentes.

Conclusão

Nesse artigo apresentamos o rico uso do vocábulo *Paráclito* pelo evangelista João. Dentro da miscelânea de nomes referentes ao Espírito Santo, como Espírito da Verdade, Espírito Consolador, e demais denominações também empregadas por Paulo, como “Espírito Prometido” (Gl 3,14; Ef 1,13), o “Espírito de Adoção” (Rm 8,15; Gl 4,6), “o Espírito de Cristo” (Rm 8,11), “o Espírito do Senhor” (2Cor 3,17), “o Espírito de Deus” (Rm 8,9. 14; 15,19; 1 Cor 6,11; 7,40) e por Pedro, como “Espírito de glória” (1Pd 4,14), a novidade joanina relacionou sobretudo as funções do Paráclito como as mesmas do Cristo, o que nos coloca diante de um agente, “dotado de vontade e inteligência” (Cantalamessa, 2013, p. 79), uma Pessoa divina. É evidente que a noção de Pessoa, desde a compreensão que temos atualmente com o estudo da Trindade, não estava presente na mentalidade joanina, contudo, já poderíamos intuir, pois quem dá testemunho é um Alguém.

Percebemos uma palavra que no conjunto da semântica grega e do contexto cultural, ganhou diversos significados, seja no mundo extrabíblico, como no próprio mundo bíblico joanino. A relação entre a pneumatologia e a cristologia joanina sintetizam-se em João no uso do termo Paráclito. Nos discursos de despedidas fica evidente que o Paráclito, que o Quarto Evangelho traz, ilumina os demais evangelhos sinóticos, sendo um termo chave para compreender as demais ações do mesmo Espírito em diversas situações em que envolvem os discípulos de Jesus. Embora seja um vocábulo único utilizado por João, o mesmo não se isola entre as linhas do Quarto Evangelho, é como um fio de tear que direciona os demais fios do desenho, interligando os demais sentidos que possamos dar ao Espírito Santo. De fato, nem mesmo as mais profundas pesquisas conseguem abarcar totalmente a riqueza de significados do vocábulo utilizado por João.

Ao mesmo tempo, diante de crescentes manifestações que tendem a atitudes semelhantes aos separatistas, que tumultuavam a vida interna da comunidade joanina, questionando a legitimidade da vida de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, também hoje percebemos posturas semelhantes que se levantam, sobretudo perante a legitimidade da hierarquia. Faz-se necessário pedirmos o auxílio do Paráclito para que nos lembre da mesma união que recebemos e o que nos une. A ação do Espírito Santo não exclui a legítima Hierarquia da Igreja, ambos estão unidos, carisma e hierarquia num único propósito de serviço a Cristo. Por isso podemos afirmar que o Paráclito dá a nota que harmoniza toda a obra da Igreja, que afina as vozes dissonantes ainda insistentes.

Para o Cardeal Raniero Cantalamessa, a compreensão de Paráclito é o ponto máximo que poríamos ter chegado em relação ao Espírito Santo, pois não se trata de algo ou alguma coisa que opera uma atividade, mas o Paráclito é um “Alguém”: “Alguém que permanece em nós, uma presença, um interlocutor, um defensor, amigo e consolador, “o doce hóspede da alma”, como o chama a Sequência de Pentecostes. Aquele que foi “o companheiro inseparável” de Jesus, já durante a sua vida terrena e agora quer ser o companheiro de um de nós” (Cantalamessa, 2013, p. 82).

Para uma sociedade secularizada, que vive flertando com o paganismo, que nos quer ver órfãos de Deus, o Paráclito vem como esse auxiliador da memória, auxiliar os discípulos de Cristo, ou seja, cada um de nós, a não perdermos a memória de Deus (*memoria Dei*), a não perdermos a identidade de quem nós somos, filhos no Filho, filhos amados. Então, o Paráclito está sempre ao nosso lado, nos ajuda a não perdermos a memória de Deus, e com isso também, nos ajuda a testemunhar essa mesma herança aos demais, para que possam se abrir a esta ação maravilhosa.

Essa ação de Deus em seus corações dará lugar a um desejo pelo Mistério. Diante de uma sociedade que está pouco a pouco relativizando tudo, deixando os valores, porque em si tem deixado de invocar o Espírito, de ter uma relação com o Espírito Santo Paráclito, se vê interpelada a clamar com humildade: “*Veni Creator Spiritus!*” O Paráclito, como dom da Ressurreição, nos capacita para a missão: “Jesus disse, de novo: ‘A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, eu também vos envio. Dito isso, soprou sobre eles e falou: “Recebei o Espírito Santo...” (Jo 20, 21-22).

Por fim, é justo que avancemos além das afirmações de significados e apliquemos de maneira “prática e operacional” as mesmas ações do Espírito Paráclito em nossa vida pessoal, eclesial, de modo que o conhecimento ilumine a vida e a plenifique de sentido. Não é de estranhar que todos são chamados a uma relação de intimidade com a Pessoa do Paráclito, afim que Ele transforme em outros paráclitos os discípulos de Jesus, dando-lhes palavras tão acertadas que espantem os juízos do tribunal desse mundo.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário Bíblico Hebraico Português*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BENTO XVI. Audiência Geral. João, filho de Zebedeu. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060705.html. Acesso em: 08 set. 2023.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 1999.

CASALEGNO, A. *Para que contemplem a minha glória* (Jo 17,24): introdução à teologia do Evangelho de João. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017, p. 200.

CANTALAMESSA, Raniero. *O canto do espírito: meditações sobre o Veni Creator*. 5. ed. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.

DUFOUR, Xavier Léon. *Leitura do Evangelho segundo João*. v. III. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LACOSTE, Yves-Jean. In. WOLINSKI, J. *Dicionário crítico de teologia*. Tradução: Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004. p. 650-652.

LACOSTE, Yves-Jean. In. ZUMSTEIN, J; DETTWILER, A. (Orgs.). *Dicionário crítico de teologia*. Tradução: Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004. p. 653-660.

RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. Tradução: Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003, p. 353.

SILVA, V.J. *O Espírito Santo-Paráclito no Quarto Evangelho: Análise exegética de Jo 16,4b-15.1*. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021. v. 200. 178p. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/rev_ateo.php? strSecao=fasciculo&fas=29284&NrSecao=X3&secao=DISSERTA%C3%87%C3%95ES&nrseqcon=29293](https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=29284&NrSecao=X3&secao=DISSERTA%C3%87%C3%95ES&nrseqcon=29293). Acesso em: 14 fev. 2024.

SILVA, W. L. da. *GO'EL em Jó 19,23-27*. *Annales Faje*, Belo Horizonte, v. 5, n. 4, p. 106-118, 5(5), 106-118, nov. 2020. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/issue/view/587>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SILVANO, Zuleica Aparecida. “G’L” como chave hermenêutica para a “redenção” na carta aos Gálatas em diálogo com “Textes messianiques” de Emmanuel Levinas. 2018. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://faculdadesjesuita.edu.br/gl-como-chave-hermeneutica-para-redencao-na-carta-aos-galatas-em-dialogo-com-textes-messianiques-de-emmanuel-levinas/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

TUÑI, Josep-Oriol. *Escritos joaninos e Cartas católicas*. Introdução ao estudo da Bíblia, v. 8. São Paulo: Editora Ave Maria, 1999.

Como citar:

CARDOSO JUNIOR, OCD, Luiz Eduardo Coutinho. O Paráclito em João 14, 1-26. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, edição especial, p. 69-81, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23-ed.especial-2024-4>